

ISSN - 2175-6600

Vol.17 | Número 39 | 2025

Submetido em: 29/11/2025

Aceito em: 02/12/2025

Publicado em: 05/12/2025

Pedagogia feminista na formação docente: prevenindo violências de gênero

Feminist pedagogy in teacher training: preventing gender-based violence

Pedagogía feminista en la formación docente: prevención de la violencia de género

Cintia Daiane da Silva Eurides¹
Marcela Teixeira Godoy²



<https://doi.org/10.28998/2175-6600.2025v17n39pe20321>

Resumo: O trabalho objetiva mapear produções científicas que abordem a relevância de bases epistemológicas feministas e decoloniais na formação inicial de professores em cursos de Licenciatura em Pedagogia. Reconhece-se a escola como espaço de socialização capaz de reproduzir desigualdades ou promover transformações sociais, especialmente no enfrentamento às violências de gênero. A pesquisa, de caráter qualitativo e exploratório, realizou mapeamento nas bases de dados SciELO, CAPES e CTD, constatando a escassez de produções que articulem pedagogias feministas decoloniais à formação docente. Verificou-se que maioria dos estudos encontrados limitam-se à análise curricular, sem considerar as vozes dos licenciandos e docentes, e mantém forte vínculo com referenciais do Norte Global, em contradição com a proposta decolonial. Os resultados evidenciam a necessidade de ampliar investigações que incorporem perspectivas críticas, interseccionais e emancipadoras, valorizando saberes subalternizados. Conclui-se que a formação docente deve avançar na incorporação das pedagogias decoloniais para promover práticas educativas democráticas e transformadoras.

Palavras-chave: Formação inicial de professores. Licenciatura em Pedagogia. Pedagogia feminista decolonial. Violência de gênero.

¹ Universidade Estadual de Ponta Grossa. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/7826525128761385> Orcid: <https://orcid.org/0009-0005-8907-1220> Contato: cintia.uepg@gmail.com

² Universidade Estadual de Ponta Grossa. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/5094074553607218> Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-6502-7122> Contato: mtgodoy@uepg.br

Abstract: This study aims to map scientific literature that addresses the relevance of feminist and decolonial epistemological foundations in initial teacher training for undergraduate programs in Pedagogy. Schools are recognized as spaces of socialization capable of reproducing inequalities or promoting social transformations, especially in addressing gender-based violence. This qualitative and exploratory research mapped the SciELO, CAPES, and CTD databases, revealing a scarcity of literature that integrates decolonial feminist pedagogies with teacher training. It was found that most studies are limited to curricular analysis, disregarding the voices of undergraduates and teachers, and maintain strong ties to Global North frameworks, contradicting the decolonial approach. The results highlight the need for expanded research that incorporates critical, intersectional, and emancipatory perspectives, valuing subalternized knowledge. It is concluded that teacher training must advance in the incorporation of decolonial pedagogies to promote democratic and transformative educational practices.

Keywords: Initial teacher training. Bachelor's degree in Pedagogy. Decolonial feminist pedagogy. Gender-based violence.

Resumen: Este trabajo tiene como objetivo mapear las producciones científicas que abordan la relevancia de los fundamentos epistemológicos feministas y decoloniales en la formación inicial de docentes en cursos de pregrado en Pedagogía. La escuela es reconocida como un espacio de socialización capaz de reproducir desigualdades o promover transformaciones sociales, especialmente en el enfrentamiento a la violencia de género. La investigación, de naturaleza cualitativa y exploratoria, mapeó las bases de datos SciELO, CAPES y CTD, encontrando una escasez de producciones que articulen las pedagogías decoloniales feministas con la formación docente. Se encontró que la mayoría de los estudios encontrados se limitan al análisis curricular, sin considerar las voces de estudiantes y docentes de pregrado, y mantienen un fuerte vínculo con referencias del Norte Global, en contradicción con la propuesta decolonial. Los resultados resaltan la necesidad de expandir las investigaciones que incorporen perspectivas críticas, interseccionales y emancipadoras, valorando los saberes subalternizados. Se concluye que la formación docente debe avanzar en la incorporación de pedagogías decoloniales para promover prácticas educativas democráticas y transformadoras.

Palabras clave: Formación inicial docente. Licenciatura en Pedagogía. Pedagogía feminista decolonial. Violencia de género.

1 INTRODUÇÃO

A educação constitui-se *nas e pelas* relações humanas, configurando-se como processo responsável pela transmissão de conhecimentos, valores e padrões de uma sociedade, propiciando o desenvolvimento social e cognitivo dos sujeitos. Embora presente em toda e qualquer sociedade, a educação formal, institucionalizada na escola, é organizada, sistematizada e encarregada para ensinar os conhecimentos sistematizados e formar os sujeitos para (con)viver em sociedade (Oliveira, 2001).

A escola configura-se como um espaço de socialização que integra e reflete a sociedade, sendo constituída por múltiplas dimensões (estruturais, culturais, étnicas, de gênero, de sexualidade, de classes sociais etc.), caracterizadas por sua complexidade e interseccionalidade. Tais espaços, em suas dimensões relacionais, são formados por concepções e valores constituídos pelos(as) sujeitos(as) que os frequentam, podendo tanto reproduzir desigualdades quanto promover transformações sociais (Louro, 2003).

Os valores e concepções socialmente difundidos refletem uma sociedade marcada por heranças coloniais, patriarcais e capitalistas, que privilegiam determinados



grupos enquanto outros são submetidos a opressões e violações. É necessário reconhecer a relação intrínseca entre as instituições escolares e a sociedade, visto que ambas se constituem mutuamente e as transformações em uma repercutem na outra (Salles Filho, 2019). Como espaços de formação e reflexão, as instituições escolares assumem um papel central na prevenção e enfrentamento das violências de gênero, tornando-se urgente o debate sobre as relações de gênero, dado que a educação constitui-se como meio eficaz de intervenção frente a essas expressões de violências (Pontes, 2020).

O papel social da educação e da escola na prevenção da violência de gênero é reconhecido por meio de normativas e legislações específicas. A Resolução CNE/CP nº 4/2024 (Diretrizes Curriculares Nacionais para a Formação Inicial em Nível Superior de Profissionais do Magistério da Educação Escolar Básica) orienta a estruturação de ações pedagógicas voltadas à prevenção dessa forma de violência (Brasil, 2024a). Além disso, a Lei Federal nº 14.164/2021 (Brasil, 2021) dispõe a inclusão do tema da violência contra a mulher no currículo da educação básica e a Lei Federal nº 14.986/2024 (Brasil, 2024b) estabelece a obrigatoriedade de abordagens de experiências e perspectivas femininas nos conteúdos curriculares da educação básica.

Todavia, a existência de dispositivos legais não assegura por si só, a efetiva prevenção e o enfrentamento às violências de gênero na escola. Muitas vezes, esse tema não é trabalhado de forma consistente, seja pela pouca visibilidade que recebe, pela ausência de projetos consolidados ou pela falta de preparo profissional para sua abordagem.

Os(as) professores(as) são agentes de transformação social que proporcionam tangibilidade aos dispositivos legais através de práticas pedagógicas transformadoras e emancipatórias perante o enfrentamento e a prevenção da violência de gênero na escola. Contudo, conforme Silva (2024) muitos(as) professores(as) se sentem inseguros(as) para trabalhar sobre a violência de gênero em sala de aula. Tal insegurança pode ser reflexo da ausência de conhecimentos ou maior aprofundamento sobre o tema e sobre como desenvolver um trabalho pedagógico nesse sentido, por ainda ser considerado um tema “tabu”. Ainda, pode estar relacionado à ausência de uma compreensão mais sólida sobre a violência e as desigualdades estruturais/sistêmicas/culturais de gênero nas sociedades latino-americanas e os marcadores sociais imbricados em tais expressões de violência.

Desse modo, as epistemologias feministas constituem um campo crítico de produção de conhecimento que questiona a neutralidade científica e desvela os mecanismos de poder que historicamente silenciaram mulheres e grupos subalternizados



(Harding, 1987; Haraway, 1995). Ao problematizar a noção de universalidade do saber, essas perspectivas reivindicam a legitimidade dos saberes situados, construídos a partir das experiências concretas de sujeitos localizados em contextos de opressão.

Nesse sentido, os feminismos decoloniais destacam-se por tecer críticas ao feminismo ocidental, sobretudo por desconsiderar os contextos vivenciados por mulheres racializadas e do Sul Global. No contexto latino-americano, autoras como Lugones (2014; 2020) e Curiel (2020) apontam que o feminismo decolonial amplia o debate ao evidenciar a relação entre colonialidade, patriarcado e capitalismo.

Essa perspectiva propõe uma interseccionalidade enraizada nas particularidades históricas e culturais das populações pós-coloniais (Lugones, 2014; 2020; Curiel, 2020). O feminismo decolonial contribui para a compreensão da violência de gênero ao evidenciar como tais violências se manifestam em cenários de dominação colonial e capitalista. Tal perspectiva permite compreender que as violências de gênero não podem ser analisadas de forma isolada, mas sim dentro de um quadro interseccional, atravessado por heranças coloniais e pela naturalização de hierarquias sociais.

Conforme Walsh (2013, 2020) uma educação feminista decolonial propõe uma escuta ativa e sensível às diferentes vivências de opressão, criando espaços para a expressão de subjetividades e para o desenvolvimento de uma consciência crítica em relação às estruturas de poder que sustentam a violência de gênero.

A abordagem de uma pedagogia com perspectiva feminista e decolonial é fundamental na formação de professores enquanto um processo educacional que valorize os saberes marginalizados, questionando as epistemologias e currículos hegemônicos, que frequentemente reforçam estereótipos de gênero e naturalizam violências. Em consonância com os estudos de bell hooks³ (2013), a pedagogia feminista deve ser entendida como prática de liberdade porque promove um espaço de diálogo, reconhecimento das diferenças e a construção de novas formas de convivência democrática.

Partindo de tais premissas, indagações surgiram sobre a formação inicial dos(as) professores(as) em cursos de Licenciatura em Pedagogia em perspectivas feministas e decoloniais, a fim de que sejam construídos conhecimentos e tecidas compreensões sobre os marcadores sociais que dimensionam a violência de gênero. Tais conhecimentos

³ Gloria Jean Watkins (1952–2021) adotou o pseudônimo bell hooks em homenagem à sua bisavó materna. A escolha da autora pela grafia em letras minúsculas foi intencional, como forma de contestar as normas tradicionais da escrita acadêmica. Por meio dessa opção, a autora buscava deslocar o foco de sua identidade pessoal para a centralidade de suas obras e de suas ideias. Neste texto, opta-se por manter a forma como a autora se identificava em seus escritos, em respeito à sua escolha política e simbólica.



poderiam preparar melhor os(as) profissionais para trabalhar sobre essa forma de violência na escola. Considerando o acima disposto, o problema de pesquisa que norteou este estudo foi: "De que forma as produções científicas existentes abordam a incorporação de bases epistemológicas feministas e decoloniais na formação inicial de professores em cursos de Licenciatura em Pedagogia e quais lacunas ainda persistem nesse campo?". Tais bases epistemológicas são cruciais para fundamentar práticas pedagógicas transformadoras e emancipatórias a partir de uma perspectiva interseccional sobre a violência de gênero.

A formação inicial de professores desempenha um papel crucial na construção de uma educação crítica e emancipadora que rejeite todas as formas de violências. No entanto, muitos cursos de licenciatura negligenciam a abordagem dessas temáticas, o que limita a capacidade dos futuros docentes de abordar, identificar, prevenir e combater as desigualdades de gênero no ambiente escolar (Cirqueira; Santana; Pereira, 2021).

É imperativo que a formação inicial de professores incorpore conteúdos e metodologias que sensibilizem os educadores para as questões de gênero, raça e classe, decolonizando o currículo. Louro (2003) assevera que a escola não pode ser neutra em relação às desigualdades de poder, pelo contrário, ela deve assumir uma postura ativa na promoção de uma educação que questiona as opressões estruturais. Assim, incluir debates sobre a violência de gênero e a pedagogia feminista decolonial nas disciplinas pedagógicas é essencial para que os professores sejam capazes de identificar as dinâmicas de poder na sala de aula e construir práticas educativas que favoreçam a igualdade e o respeito à diversidade.

Para que tais práticas sejam desenvolvidas no espaço escolar, faz-se necessário que o(a) professor(a) seja subsidiado(a) teórico-metodologicamente. É fundamental que a formação inicial dos professores seja constituída por epistemologias feministas e decoloniais a fim de compreender a historicidade das sociedades latino-americanas, os marcadores sociais que incidiram sobre elas gerando as desigualdades sociais e as intersecções entre eles. Um processo formativo consistente contribuirá para efetivar o que dispõe a Lei Federal nº 14.164/2021 (Brasil, 2021) e a Lei Federal nº 14.986/2024 (Brasil, 2024b).

A formação docente pautada em epistemologias feministas deve ir além da transmissão de conteúdos curriculares, promovendo reflexões sobre como gênero, raça, classe e sexualidade atravessam tanto o espaço escolar quanto a própria produção de conhecimento (Collins, 2019).



O aporte das epistemologias feministas e decoloniais na formação inicial de professores, embora seja um tema de pesquisa incipiente, possui grande potencial para romper com currículos hegemônicos e eurocentrados, possibilitando práticas pedagógicas críticas e emancipatórias (Walsh, 2013). Essas epistemologias, quando realmente incorporadas à *práxis* docente, contribuem para a valorização dos saberes subalternizados, a desconstrução de estereótipos de gênero e a prevenção das violências no ambiente escolar.

Desse modo, o objetivo desse trabalho foi realizar um mapeamento das produções científicas que abordem a relevância de bases epistemológicas feministas e decoloniais na formação inicial de professores em cursos de Licenciatura em Pedagogia, com o intuito de se obter o conhecimento e um panorama sobre as produções acadêmicas brasileiras acerca dessa temática em diferentes bases de dados, realizando uma pesquisa bibliográfica.

Em face do exposto essa breve revisão nos leva a refletir a respeito da formação inicial em Pedagogia a partir dessas bases teóricas. Essa pesquisa também denota que é urgente e necessário investir em um processo educativo comprometido com a justiça social, com a pluralidade epistêmica e com o enfrentamento das opressões estruturais.

2 METODOLOGIA

A metodologia adotada neste estudo segue as orientações de Gil (2008), ao considerar que se faz necessário evidenciar de forma minuciosa os procedimentos adotados na pesquisa, informando a sua natureza, as técnicas de coleta de dados, como será realizada tal coleta e as técnicas para a análise dos mesmos. O presente estudo adota uma abordagem qualitativa por objetivar compreender uma problemática que precisa ser explorada e que não pode ser analisada apenas quantitativamente (Minayo, 2009). O estudo se configura como exploratório por proporcionar uma visão geral acerca do fato abordado (Gil, 2008).

A técnica de coleta de dados foi a pesquisa bibliográfica, compreendida como uma revisão literária desenvolvida a partir de material já elaborado (Gil, 2008). Para tanto, foram utilizadas produções científicas utilizando-se das bases de dados: Scientific Electronic Library Online (SciELO), Portal de Periódicos da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) e o Catálogo de Teses e Dissertações (CTD) da CAPES, sem recorte temporal, escolhendo-as pela sua relevância em relação às temáticas.



3 RESULTADOS E DISCUSSÕES

Objetivando obter o conhecimento e um panorama sobre as produções acadêmicas brasileiras acerca da temática da formação inicial de professores e a inclusão de perspectivas feministas decoloniais em seus currículos e abordagens, foi realizado um mapeamento de artigos, Teses e Dissertações acerca da temática investigada, sem recorte temporal, realizando uma pesquisa bibliográfica.

A pesquisa realizada concentrou-se em três bases de dados reconhecidas pela excelência em estudos científicos: a Scielo, o Portal de Periódicos da CAPES e o Catálogo de Teses e Dissertações (CTD) da CAPES. A primeira base de dados selecionada foi a Scielo (Scientific Electronic Library Online) conhecida também pelo nome em português de Biblioteca Eletrônica Científica Online. A Scielo é uma biblioteca digital de livre acesso e um projeto cooperativo de publicação digital de periódicos científicos.

A segunda base de dados foi o Portal de Periódicos da CAPES sendo um acervo científico virtual, que reúne e disponibiliza conteúdos produzidos nacionalmente e internacionalmente vinculados a instituições de ensino e pesquisa no Brasil. A terceira base de dados é o Catálogo de Teses e Dissertações (CTD) também vinculado a CAPES. Essa base é uma biblioteca digital que reúne e disponibiliza resumos de teses e dissertações brasileiras.

Para a organização desta pesquisa bibliográfica, foram utilizados quatro passos:

- 1) Definição dos termos ou descritores;
- 2) Mapeamento de estudos a partir das grandes áreas de conhecimento: ciências humanas, multidisciplinares.
- 3) Leitura dos títulos, palavras-chave, da finalidade das pesquisas encontradas e a escolha de estudos que se assemelhassem com as perspectivas ou com a proposta desta pesquisa em questão;
- 4) Leitura detalhada dos trabalhos selecionados;

Inicialmente optou-se por realizar a busca por pesquisas com os seguintes descritores: “formação inicial de professores” e “pedagogia feminista decolonial”, contudo não se obteve achados em nenhuma das bases de dados com esse conjunto de descritores. Visando facilitar a busca pelas pesquisas, foram utilizados, simultaneamente, os seguintes descritores: “Formação inicial de professores” e “Decolonialidade” a fim de



que houvesse uma maior abrangência em relação ao número de pesquisas a serem encontradas em ambas as bases de dados.

A partir desse enfoque processual foram encontradas 20 pesquisas, sendo 3 teses, 2 dissertações e 15 artigos. As pesquisas encontradas foram produzidas entre os anos de 2017 e 2023. O próximo passo, objetivando atender o recorte do estudo, se deu em selecionar as pesquisas que faziam parte da área de conhecimento das ciências humanas e multidisciplinares. Diante disso, das 20 pesquisas, 7 estavam em consonância com tais refinamentos.

A próxima etapa de refinamento se deu a partir da análise dessas 7 pesquisas adotando como critério para a seleção desses estudos a leitura de seus títulos, palavras-chave e a finalidade das pesquisas encontradas, objetivando a escolha de estudos que se assemelhassem com a proposta desse estudo. As 7 pesquisas que estavam em consonância com o objetivo dessa pesquisa estão elencadas no Quadro 1 a seguir:

Quadro 1 – 7 Pesquisas que emergiram com os descritores “Formação inicial de professores” e “Decolonialidade”

Código	Referência	Tipo	Ano
P01	BENZAQUEN, Júlia Figueiredo; FERRAZ, Bruna Tarcilia. Política e formação continuada de educadores: um olhar para a docência universitária a partir da decolonialidade da educação. EccoS – Revista Científica , [S. I.], n. 54, p. e17351, 2020. DOI: 10.5585/eccos.n54.17351. Disponível em: https://periodicos.uninove.br/eccos/article/view/17351 . Acesso em: 24 set. 2024.	Artigo	2020
P02	AMORIM, Luciano Henrique da Silva; SILVA, Fabson Calixto da. “Currícolônia”: mapeamento epistêmico da proposta de educação infantil nos cursos de Pedagogia na terra de Palmares. Sertanias: Revista de Ciências Humanas e Sociais , [S. I.], v. 3, n. 2, p. 1- 19, 2022. DOI: 10.22481/sertanias.v3i2.12023. Disponível em: https://periodicos2.uesb.br/index.php/sertanias/article/view/12023 . Acesso em: 24 set. 2024.	Artigo	2022
P03	DUTRA, Débora Santos de Andrade; MONTEIRO, Bruno Andrade Pinto. Decolonialidade na formação de professores/as e interlocuções no ensino de ciências e matemática: um olhar sobre teses e dissertações. RELACult - Revista Latino-Americana de Estudos em Cultura e Sociedade , [S. I.], v. 8, n. 2, 2022. DOI: 10.23899/relacult.v8i2.2250. Disponível em: https://periodicos.claec.org/index.php/relacult/article/view/2250 . Acesso em: 24 set. 2024.	Artigo	2022
P04	SANCHES, Gabriel Jean. Decolonialidade no ensino de línguas: um olhar para a formação docente através de uma narrativa autobiográfica. Travessias , Cascavel, v. 16, n. 2, p. e29166, 2022. DOI: 10.48075/rt.v16i2.29166. Disponível em: https://e-revista.unioeste.br/index.php/travessias/article/view/29166 . Acesso em: 24 set. 2024.	Artigo	2022
P05	SANTOS, Luana Cristina da Silva. Sentidos sobre as relações étnico-raciais na educação matemática: formação inicial de professores na perspectiva histórico-cultural decolonial . 2023. 116 f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Escola de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade Federal de São Paulo, Guarulhos, 2023.	Dissertação	2023



Código	Referência	Tipo	Ano
P06	SANTOS, Roberto Carlos Silva dos. Enfoque CTS e decolonialidade: saberes para uma educação científica e tecnológica emancipatória na formação inicial de professores de química da UFRPE. 2023. 274 f. Tese (Doutorado em Ensino de Ciências e Matemática) - Universidade Federal Rural de Pernambuco, Recife, 2023.	Tese	2023
P07	SILVA, Ricardo Alisson Carvalho. Formação inicial de professores: elementos para uma pedagogia decolonial. 2023. 106 f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Instituto de Ciências Humanas e Sociais, Universidade Federal de Ouro Preto, Mariana, 2023.	Dissertação	2023

Fonte: As autoras (2024).

Após a realização das leituras desses itens referentes a cada pesquisa, verificou-se que elas abordavam vários desdobramentos em relação a abordagem de uma postura decolonial na formação docente. Conforme Amorim e Silva (2022) a decolonialidade ou teorias decoloniais ainda são um tema pouco discutido na educação e na formação de professores embora seja imperativo que tais temas sejam desenvolvidos a fim de propiciar que a história dos oprimidos e colonizados seja contada.

Dutra e Monteiro (2022) através de revisão sistemática apresentam pesquisas que relacionam a decolonialidade e a formação de professores/as principalmente no que tange ao ensino de ciências e matemática. Tais pesquisas por Dutra e Monteiro (2022) evidenciam que o pensamento decolonial precisa ser articulado no processo formativo de professores/as, desde a educação básica até a educação superior a fim de contribuir para uma educação emancipatória.

O estudo de Sanches (2022) comprehende que formar docentes para ensinar línguas a partir de uma postura decolonial requer considerá-las como produtos plurais que envolvem contextos e conhecimentos deslegitimados. Essa formação inicial deve estar fundamentada em bases epistemológicas que favoreçam a pluralidade de saberes.

Benzaquen e Ferraz (2020) aduzem que os cursos de formação continuada de professores da educação básica são espaços privilegiados para se pensar em formas de decolonizar o ensino, valorizando outros saberes, bem como práticas pedagógicas decoloniais também são fundamentais para a construção de uma educação democrática, progressista e decolonial.

Silva (2023) ao analisar as dimensões dos cursos de formação inicial de professores em Formação Intercultural para Educadores Indígenas e em Educação do Campo aduz que tais cursos revelam traços decoloniais, todavia, os autores que fundamentam a bibliografia privilegiam autores do Norte Global.

Para Roberto Carlos Silva dos Santos (2023) os estudos pós-coloniais através da decolonialidade e do pensamento pedagógico decolonial emergem como alternativa



teórico-metodológica para a formação crítica e emancipatória de licenciandos(as) vinculados(as) ao curso de Licenciatura em Química da Universidade Federal Rural de Pernambuco e para a realização de práticas pedagógicas críticas, reflexivas e emancipatórias.

Luana Cristina da Silva Santos (2023) também propõe que licenciandos em matemática em atividade de docência propiciem reflexões acerca das relações étnico-raciais na educação matemática bem como repensem práticas fundamentadas por uma educação decolonial, humanizada e representativa.

Após a etapa de leitura, concebeu-se que apenas 2 destes estudos aproximavam-se com o que objetivou essa pesquisa. Por fim, foi realizada uma leitura detalhada dos 2 trabalhos selecionados, sendo Amorim e Silva (2022) e Silva (2023). Constatou-se que ambas as pesquisas analisam a presença de traços e/ou de bases epistemológicas decoloniais nos currículos dos cursos de Licenciatura em Pedagogia da Universidade Federal de Alagoas (UFAL) no que tange a Educação Infantil e nos cursos de Formação Intercultural para Educadores Indígenas na Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) e em Educação do Campo na Universidade Federal do Pará (UFPA). Contudo, tais pesquisas analisam apenas o currículo e não dão voz aos licenciandos sobre a relevância dessa base epistemológica em sua formação. Tais pesquisas estão dispostas no Quadro 2 a seguir.

Quadro 2 – Pesquisas que contemplam os descritores “Formação inicial de professores” e “Decolonialidade”

Código	Referência	Tipo	Ano
P02	AMORIM, Luciano Henrique da Silva; SILVA, Fabson Calixto da. “Curricolônia”: mapeamento epistêmico da proposta de educação infantil nos cursos de Pedagogia na terra de Palmares. Sertanias: Revista de Ciências Humanas e Sociais , [S. I.], v. 3, n. 2, p. 1- 19, 2022. DOI: 10.22481/sertanias.v3i2.12023. Disponível em: https://periodicos2.uesb.br/index.php/sertanias/article/view/12023 . Acesso em: 24 set. 2024.	Artigo	2022
P07	SILVA, Ricardo Alisson Carvalho. Formação inicial de professores: elementos para uma pedagogia decolonial . 2023. 106 f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Instituto de Ciências Humanas e Sociais, Universidade Federal de Ouro Preto, Mariana, 2023.	Dissertação	2023

Fonte: As autoras (2024).

Apesar desses dois estudos apresentarem análises acerca do currículo dos cursos de formação de professores em relação a traços e/ou bases epistemológicas decoloniais, ambos analisam de forma geral quanto há presença de autores dessa corrente nos currículos e os trabalhos publicados sobre essa temática. Destaca-se que



nenhum dos trabalhos encontrados destaca a relevância de uma abordagem interseccional entre os marcadores sociais que formam a sociedade que excluíram sujeitos(as) e comunidades na modernidade.

A abordagem de uma pedagogia decolonial interseccional nos currículos de formação de professores é crucial para reconhecer as negligências, violações e violências empreendidas contra a humanidade ao longo do tempo. Ainda, nenhuma das duas pesquisas teve por objetivo entender como e de que maneira tais questões são trabalhadas no curso de formação de professores. Por fim, nenhuma das pesquisas ouviu as vozes dos licenciandos nos cursos de formação docente acerca da relevância da corrente decolonial em sua formação inicial. Essa constatação evidencia, portanto, a necessidade de ampliação de estudos nesse sentido.

Objetivando ampliar a busca por pesquisas convergentes ou semelhantes à proposta por essa pesquisa, foi realizada uma nova busca nas mesmas bases de dados com os descritores: “Formação inicial de professores” e “pedagogia decolonial”. Em um primeiro momento todos os artigos encontrados foram selecionados, sem critérios de exclusão.

A partir dessa filtragem foram encontradas 10 pesquisas, sendo 1 tese, 1 dissertação e 8 artigos. A próxima etapa se deu em selecionar as pesquisas que faziam parte da área de conhecimento das ciências humanas e multidisciplinares. Após essa filtragem, 4 pesquisas estavam em consonância com tais refinamentos.

Ressalta-se que dentre esses 4 estudos, 3 deles já haviam sido filtrados por meio dos descritores: “Formação inicial de professores” e “Decolonialidade” empregadas anteriormente. Diante disso, foi realizada uma análise entre as buscas com os dois diferentes grupos de descritores e foram identificadas as pesquisas que apareciam duplicadas nas três bases de dados. Posteriormente, foi selecionada apenas a pesquisa que não constava em ambas as buscas nas bases de dados, aparecendo apenas nesta filtragem. Desse modo, apenas 1 pesquisa foi selecionada para o próximo refinamento. Tal pesquisa está disposta no Quadro 3 a seguir:

Quadro 3 – Pesquisas que contemplam os descritores “Formação inicial de professores” e “Pedagogia decolonial”

Código	Referência	Tipo	Ano
P08	BARBOSA, Gabriela dos Santos. Extensão universitária: contribuições de professores guarani para a formação inicial de professores de matemática. <i>Revista Espaço Pedagógico</i> , [S.I.], v. 25, n. 3, p. 777-800, 2018. DOI: 10.5335/rep.v25i3.8578. Disponível em: https://seer.upf.br/index.php/rep/article/view/8578 . Acesso em: 25 set. 2024.	Artigo	2018

Fonte: As autoras (2024).



A próxima etapa se deu a partir da leitura do título, palavras-chave e a finalidade da referida pesquisa analisando se ela convergia ou se aproximava com a proposta desse estudo. Após a análise desses aspectos da pesquisa, verificou-se que ela teve como objetivo analisar as contribuições de um projeto de extensão universitária voltado à formação continuada de professores guarani para a formação inicial de professores de matemática a partir de perspectivas da pedagogia decolonial. Dessarte, concebeu-se que tal pesquisa não se aproximava do que objetivava este estudo.

Diante de tais resultados, evidencia-se que apesar da relevância crescente de pesquisas sobre estudos e feminismos decoloniais, ainda há uma lacuna significativa na produção científica que articule a formação de professores com pedagogias feministas decoloniais. As buscas realizadas nas bases de dados evidenciam que o número de pesquisas encontradas foi restrito, especialmente quando os descritores “formação inicial de professores” e “pedagogia feminista decolonial” foram utilizados, não resultando nenhum achado. Isso demonstra a necessidade do desenvolvimento de pesquisas que abordem a relevância da abordagem da pedagogia decolonial nos currículos dos cursos de formação inicial.

A análise demonstra que, mesmo quando ampliados os termos de busca para “formação inicial de professores” e “decolonialidade”, os estudos localizados foram poucos e concentrados em áreas específicas, como o ensino de ciências, matemática e línguas. Esse aspecto evidencia que a reflexão sobre pedagogias decoloniais ainda não se consolidou de maneira transversal nos currículos de formação docente. Além disso, constatou-se que a maioria das pesquisas se limita à análise documental e curricular, sem considerar a percepção dos licenciandos sobre a relevância dessas bases epistemológicas em sua formação.

Outro ponto relevante é que as pesquisas encontradas demonstram esforços pontuais para aproximar a decolonialidade da prática docente, sobretudo em programas de formação intercultural, educação do campo e iniciativas de extensão. Entretanto, observa-se que muitos trabalhos ainda privilegiam referenciais do Norte Global, o que contradiz o princípio da decolonialidade ao reforçar epistemologias hegemônicas. Essa contradição indica a necessidade de avançar na valorização de saberes subalternizados e de vozes historicamente marginalizadas dentro da formação de professores.

Por fim, os dados indicam que a produção científica existente, embora relevante, não dá conta de responder plenamente às demandas de uma pedagogia decolonial crítica, interseccional e emancipatória. A ausência de estudos que contemplam a intersecção entre formação docente, marcadores sociais de diferença e práticas



pedagógicas transformadoras reforça a urgência de ampliar investigações nessa área. Dessa forma, torna-se imprescindível que novas pesquisas não apenas analisem currículos, mas também incorporem as experiências e percepções de estudantes e professores, contribuindo para a construção de práticas formativas mais democráticas, plurais e decoloniais.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A investigação nas bases de dados evidencia que a produção científica que articula diretamente formação inicial de professores e pedagogias decoloniais ainda é reduzida e dispersa. As buscas iniciais não apresentaram resultados quando associadas aos descriptores “formação inicial de professores” e “pedagogia feminista decolonial”, o que reforça a lacuna de pesquisas nessa interface. Mesmo quando ampliadas para termos mais gerais, como “formação inicial de professores” e “decolonialidade”, os estudos encontrados foram restritos em número e abordagem, revelando a necessidade de consolidar esse campo de investigação.

As pesquisas localizadas, embora relevantes, concentram-se em análises curriculares e documentais, deixando em segundo plano a escuta das vozes de licenciandos e docentes sobre a importância de perspectivas decoloniais em sua formação. Ademais, nota-se que, em muitos casos, a bibliografia utilizada privilegia autores do Norte Global, reproduzindo contradições frente à proposta decolonial, que justamente busca romper com hegemonias epistêmicas. Esse cenário aponta para a urgência de fortalecer produções que valorizem saberes locais, indígenas, afro-diaspóricos e outras epistemologias subalternizadas.

A breve análise realizada, evidencia que a articulação entre pedagogias feministas, epistemologias decoloniais e formação inicial docente ainda se encontra em estágio incipiente, marcada por lacunas que restringem a efetividade das práticas pedagógicas transformadoras. Nesse cenário, a incorporação das epistemologias feministas revela-se indispensável para analisar criticamente os currículos, dar visibilidade a saberes historicamente silenciados e instrumentalizar futuros professores para o enfrentamento das desigualdades de gênero no espaço escolar.

Ampliar esse debate na formação inicial em Pedagogia, significa fortalecer uma ciência comprometida com a democracia, a pluralidade e a emancipação. Trata-se de um caminho para consolidar a escola como espaço de resistência e de transformação social, capaz de prevenir violências e fomentar relações mais igualitárias. Defendemos que o



avanço das pesquisas e das práticas pedagógicas inspiradas nas epistemologias feministas vai além de uma demanda acadêmica e global, mas é uma exigência ética e política diante dos desafios educacionais que vem sendo apresentados.

Diante disso, conclui-se que a formação docente precisa avançar na incorporação efetiva das pedagogias decoloniais, não apenas como um recurso teórico, mas como prática formativa crítica, interseccional e emancipatória. O desafio posto é ampliar pesquisas que investiguem a presença dessas bases epistemológicas de forma transversal nos currículos e que, sobretudo, deem voz aos estudantes em formação. Dessa maneira, será possível consolidar um processo formativo comprometido com a justiça social, a pluralidade de saberes e a construção de uma educação verdadeiramente democrática e transformadora.

REFERÊNCIAS

BRASIL. Lei nº 14.164, de 10 de junho de 2021. Altera a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996 (Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional), para incluir conteúdo sobre a prevenção da violência contra a mulher nos currículos da educação básica, e institui a Semana Escolar de Combate à Violência contra a Mulher. **Diário Oficial da União**, 11 jun. 2021. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2019-2022/2021/Lei/L14164.htm#art1. Acesso em: 24 set. 2024.

BRASIL. Lei nº 14.986, de 25 de setembro de 2024. Altera a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996 (Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional), para incluir a obrigatoriedade de abordagens fundamentadas nas experiências e nas perspectivas femininas nos conteúdos curriculares do ensino fundamental e médio; e institui a

BRASIL. Resolução CNE/CP nº 4, de 29 de maio de 2024. Dispõe sobre as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Formação Inicial em Nível Superior de Profissionais do Magistério da Educação Escolar Básica (cursos de licenciatura, cursos de formação pedagógica para graduados não licenciados e cursos de segunda licenciatura). **Diário Oficial da União**, 03 jun. 2024a. Disponível em: <https://www.in.gov.br/web/dou-/resolucao-cne/cp-n-4-de-29-de-maio-de-2024-563084558>. Acesso em: 24 set. 2024.

CIRQUEIRA, Nilson Sousa; SANTANA, José Valdir Jesus de; PEREIRA, Reginaldo Santos. Formação docente e as relações de gênero e sexualidade no curso de pedagogia. **Revista Práxis Educacional**, Vitória da Conquista, v. 17, n. 45, p. 258-276, abr. 2021 . Disponível em:
http://educa.fcc.org.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2178-26792021000200258&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 24 set. 2024.

COLLINS, Patricia Hill. **Pensamento feminista negro**: conhecimento, consciência e a política do empoderamento. 1. ed. São Paulo: Boitempo Editorial, 2019.

CURIEL, Ochy. Construindo metodologias feministas a partir do feminismo decolonial. In: Hollanda, Heloisa Buarque de (Org.). **Pensamento feminista hoje**: perspectivas decoloniais. Rio de Janeiro: Bazar do tempo, 2020. p. 120-139.



GIL, Antonio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2008.

HARAWAY, Donna. Saberes localizados: a questão da ciência para o feminismo e o privilégio da perspectiva parcial. **Cadernos Pagu**, Campinas, n. 5, p. 7-41, 1995.

HARDING, Sandra. **Feminism and methodology**: social science issues. Bloomington: Indiana University Press, 1987.

HOOKS, bell. **Ensinando a transgredir**: a educação como prática da liberdade. 1. ed. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2013.

iza%C3%A7%C3%A3o%20de%20Mulheres%20que%20Fizeram. Acesso em: 26 set. 2024.

LOURO, Guacira Lopes. **Gênero, sexualidade e educação**: uma perspectiva pós-estruturalista. 6. ed. Petrópolis: Vozes, 2003.

LUGONES, María. "Rumo a um feminismo descolonial". **Revista Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 22, n. 3, p. 935-952, set.-dez. 2014. Disponível em: <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=38132698013>. Acesso em: 15 jul. 2023.

LUGONES, María. Colonialidade e gênero. In: Hollanda, Heloisa Buarque de (Org.). **Pensamento feminista hoje**: perspectivas decoloniais. Rio de Janeiro: Bazar do tempo, 2020. p. 52-83. 384 p.

MINAYO, Maria Cecília de Souza (Org.). **Pesquisa social**: teoria, método e criatividade. Petrópolis: Vozes, 2009.

OLIVEIRA, Rita de Cássia da Silva. A formação do ser social. In: OLIVEIRA, Rita de Cássia da Silva (Org.) **Sociologia**: consensos e conflitos. Ponta Grossa: EDUEPG, 2001.

PONTES, Erica Silva. A educação no enfrentamento da violência doméstica e familiar. **Enfrentamento à violência doméstica e familiar contra mulher**. Fundação Demócrito Rocha, Universidade aberta do Nordeste. Fortaleza, 2020.

SALLES FILHO, Nei Alberto. **Cultura de Paz e educação para a paz**: olhares a partir da complexidade. 1. ed. Campinas: Papirus, 2019.

Semana de Valorização de Mulheres que Fizeram História no âmbito das escolas de educação básica do País. **Diário Oficial da União**, 26 set. 2024b. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2023-2026/2024/lei/l14986.htm#:~:text=Altera%20a%20Lei%20n%C2%BA%209.394,Valor

SILVA, Cintia Daiane da. **Violência doméstica e familiar contra a mulher e a construção da cultura de paz: a voz das educadoras da rede de ensino de Ponta Grossa/PR**. 2024. 231 f. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais Aplicadas), Universidade Estadual de Ponta Grossa, Ponta Grossa, 2024.

WALSH, Catherine. **Pedagogías decoloniales**: prácticas insurgentes de resistir,(re)existir y (re)vivir. Tomo I. Quito, Ecuador: Ediciones Abya-Yala, 2013.

WALSH, Catherine; MONARCA, Héctor. Agrietando el orden social y construyendo desde una praxis decolonial. **Revista Educación, Política y Sociedad**, [S. l.], v. 5, n. 2, 2020. Disponível em: <https://revistas.uam.es/reps/article/view/12583>. Acesso em: 24 set. 2024.

